

MEMÓRIA NÃO CONFIÁVEL E PERDÃO IMPOSSÍVEL EM *LEITE*

DERRAMADO, DE CHICO BUARQUE

UNRELIABLE MEMORY AND IMPOSSIBLE FORGIVENESS IN SPILT

MILK, BY CHICO BUARQUE

Lohanna Machado¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo aprofundar o entendimento da inconfiabilidade do narrador de *Leite derramado*, de Chico Buarque, ao explorar também a inconfiabilidade apresentada por sua memória. Para isso, mostrou-se necessário o estudo de teorias sobre a memória “real” para poder discutir se a ficcionalização desta no romance é saldo positivo da fatura. A discussão procura equilibrar-se entre o narrador e o autor implícito e apontar de quem é a mão mestra que rege a ironia dos ditos, não ditos, e caprichos de uma memória caduca.

Palavras-chave: memória; perdão; *Leite derramado*.

ABSTRACT: This article aims at deepening the understanding of the unreliability of the narrator in Chico Buarque's *Leite derramado* while exploring also the unreliability of his memory. In order to do that, the study of theories about real memory showed itself necessary to discuss if its fictionalization in the novel has a positive balance. The discussion attempts to keep a balance between the narrator and the implied author and point whose master hand is responsible for the irony of what is said, what is not, and the whims of a senile memory.

Keywords: memory; forgiveness; *Leite derramado*.

1. INTRODUÇÃO

Em 1961, na obra *The rhetoric of fiction*, Wayne C. Booth (1975) cunhou os termos autor implícito (*implied author*) e narrador não confiável (*unreliable narrator*), que apontam para uma mudança de paradigma por parte da crítica da época, ainda

¹ Mestranda em Estudos Literários, UFPR.

mais quando consideramos, por exemplo, o desconcertante estudo de Helen Caldwell (1960 apud SCHWARZ, 2006) sobre *Dom Casmurro* (2006), que já indicava a inconfiabilidade do narrador um ano antes da publicação do livro de Booth (e dos críticos brasileiros, até então). A boa acolhida que ambos os termos tiveram também corrobora essa afirmativa. A naturalidade com que falamos hoje em “autor implícito” e, principalmente, em “narrador não confiável”, para além mesmo da circunscrição acadêmica e literária, ainda que *The rhetoric of fiction* nunca tenha sido editado no Brasil, demonstra, em parte, a argúcia da obra de Booth naquele período.

Um bom exemplo de onde esses conceitos se aplicam é o aclamado romance *Leite derramado*, de Chico Buarque (2009), no qual se adentra subitamente no que parece um fluxo de (in)consciência de uma memória já demente. Romance em primeira pessoa, em que fica patente, mesmo para leitores menos experientes, que se está diante de um narrador não confiável, pois, ora, que narrador memorialista que (pode-se questionar já na sequência das três primeiras páginas) narra, sob o efeito de morfina, ou que promete fazenda e casarão para uma das enfermeiras do hospital onde se encontra e, logo depois, se lembra de que a fazenda, desapropriada, virou rodovia e o casarão também já não mais lhe pertencia (BUARQUE, 2009, p. 05-07)?

Um narrador ficcional não confiável é um efeito do que entenderemos aqui, então, como autor implícito, ou um ser no limite do tangível que organiza a tessitura da ficção. Importo a ideia de um autor implícito que age de forma artilosa especialmente de Schwarz (2000), no texto *Uma desfaçatez de classe*, sobre *Memórias póstumas de Brás Cubas* (2012), em que ele evoca também outro romance de Machado que nos interessa aqui, *Dom Casmurro*:

A estrutura é a mesma de *Dom Casmurro*: a denúncia de um protótipo e pró-homem das classes dominantes é empreendida na forma perversa da auto-exposição “involuntária”, ou seja, da primeira pessoa do singular usada com intenção distanciada e inimiga (comumente reservada à terceira). A chave deste procedimento está na insuficiência calculada dos pontos de vista do narrador em relação aos materiais que ele mesmo apresenta. (...) A própria escolha do

pseudomemorialismo é um lance de insídia, pois embora a moldura biográfica atenua a gravidade das acusações, diluindo-as na contingência de um percurso individual, finge-lhes também o estatuto irretorquível da confissão. É como se, movido pela volubilidade, um prócer nacional abrisse à visitação pública, na própria pessoa, os vícios de sua classe. (Schwarz, 2000, p. 82).

O público contemporâneo dos romances da segunda fase machadiana tinha, em geral, uma leitura colada ao universo ideológico do narrador, o que fazia parte de um pacto de leitura baseado na confiança entre autores e leitores bastante comum durante o período da popularização do gênero romanesco. Enquanto, em fins do século XIX no Brasil, Machado de Assis consideraria seu público despreparado para romances norteados pelo recurso da ironia (PERROT, 2006), a técnica usada por Buarque é voltada para uma geração mais experimentada de leitores. Isso resulta, por exemplo, na evidenciação da caduque de um narrador centenário que lembra e é atormentado pela memória, pois sua memória é como “uma vasta ferida” (BUARQUE, 2009, p. 10). Procedimento bastante diverso daquela tentativa de impingir confiabilidade no narrador para disfarçar suas intenções que, por isso mesmo, levou ao engano tantos leitores. Não mais o respeitoso e lúcido senhor casmurro, muito menos a lucidez da mente desobrigada do corpo após a morte. Mas *Leite derramado* não perde em complexidade, ganha-a por outra via, a da dificuldade para se reconstruir o percurso dessa personagem e a verdade do drama por meio de, por um lado, um discurso permeado de idas e vindas, circunvoluções, negações, repetições ostensivas e reformulações constantes, e, por outro lado, pelas informações cruciais sendo tratadas em poucas linhas, *en passant*. Ou seja, uma combinação, de limites incertos, de um narrador não confiável em cuja memória também já não se pode confiar.

Paul Ricoeur (2000), em *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, afirma já de início que a fenomenologia da memória que a obra propõe se estrutura em torno de duas questões que, nesta análise sobre *Leite derramado*, também serão capitais: *do que se tem memória e de quem é a memória*. São as respostas a essas perguntas, ardilosamente

compostas, e o recurso da “primeira pessoa usada com intenção distanciada”, como assinalou Schwarz (2000, p. 82), que dão a tônica de *Leite derramado*. Sem perder de vista que essa obra de Ricoeur é um estudo sobre a memória “verdadeira”, este artigo pretende demonstrar que a ficcionalização da memória em *Leite derramado* é convincente e de importância estrutural na narrativa.

2. DE QUEM É A MEMÓRIA?

“E não se esqueça que meu nome de família é Assumpção, e não Assunção, como em geral se escreve (...).” (BUARQUE, 2009, p. 18).

Eulálio Montenegro d’Assumpção, nascido em 1907, foi o filho único de uma família abastada e pernóstica enraizada no Rio de Janeiro. A família Assumpção (e também a Montenegro, por parte de mãe) estava próxima do poder há várias gerações, seja quando este significou reinado, império ou república. Uma família rica, de um “dinheiro limpo”, “dinheiro de quem não precisa de dinheiro”, acrescenta o narrador (BUARQUE, 2009, p. 78). Criado entre mimos financeiros e desatenções afetivas, tornou-se um jovem frouxo de vontades. Brás Cubas e Bento Santiago, célebres narradores machadianos, também foram homens de pouco vigor, mas, entre esses, Bento guarda ainda maiores semelhanças com o narrador de Chico Buarque. A única vontade forte sentida por Bentinho foi a de possuir Capitu, um desejo intenso e concentrado que fatalmente derivou em ciúme. Assim foi também Matilde para Eulálio, de uma posse ainda mais sexual e primitiva.

No entanto, ainda que Brás e Bento, à maneira de cada um, fossem homens um tanto quanto tíbios, não chegaram a sofrer nenhuma grande perda financeira — já Eulálio teve outro destino. O século XX no Brasil, especialmente sua primeira metade, assistiu à queda de grandes nomes de família, seja no campo, seja na cidade. Mudanças

políticas, abolição da escravatura, quebra da bolsa de Nova York, diminuição da demanda internacional por açúcar, café e outros produtos de monocultura: foi um período instável, no qual se aprofundaram e se fizeram cotidianas mudanças na dinâmica social que estavam ainda em latência na época de Machado de Assis. Nossa literatura tem refletido vastamente sobre o assunto como, por exemplo, em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, ainda na década de 1930. Nesse romance, vemos a substituição de Luís Padilha por Paulo Honório na posse das terras férteis da propriedade São Bernardo. O pai de Luís Padilha havia usado de todos os seus recursos para formar o único filho como bacharel e torná-lo um homem de fibra para tocar a propriedade. Mas, com a morte do pai, o filho beerrão e jogador deixou-se arruinar e se viu forçado a vender São Bernardo a Paulo Honório, homem órfão que já havia trabalhado no eito daquela propriedade, mas sempre com a ideia fixa da ascensão e sem preguiça do trabalho, ainda que tenha usado de outros meios além da enxada.

Sérgio Buarque de Holanda (1989, p. 10-11), pai de Chico Buarque, defendeu, em *Raízes do Brasil*, a tese de que o trabalho e o apreço às atividades utilitárias não eram naturais para os principais colonizadores da América Latina, a fim de explicar o que chamou de uma “reduzida capacidade de organização social” nas colônias. Nesse estudo, contemporâneo ao romance *São Bernardo* (1988), o autor argumenta que “Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia” (Ibid., p. 10). Ainda que o Brasil, nessa altura, já tivesse produzido tipos como Paulo Honório, nas classes detentoras do poder, o trabalho manual e mecânico ainda era visto de maneira indigna.

Já em *Leite derramado*, num espaço de tempo de cerca de dois anos, Eulálio perde o pai e a esposa, e a quebra da bolsa de Nova York expõe a família à falência. O

pai de Eulálio, embora considerasse também o trabalho indigno², tinha o traquejo necessário para transformar dinheiro em dinheiro: era um “traficante de influências”, como definiu Schwarz (2009). Vítima de um assassinato, não teve tempo de ensinar esse *métier* a seu sucessor.

Eulálio casa-se em seguida com Matilde, mesmo que ofendendo os preconceitos de aristocracia europeia transplantada da mãe, pois Matilde era “a mais moreninha das congregadas marianas” (BUARQUE, 2009, p. 20) que cantaram na missa de sétimo dia paterna. E, acreditando que lhe bastaria apenas pôr uma das gravatas inglesas do pai e andar por onde ele andava para acertar seu próprio passo (Ibid., p. 62), desgastando-se em ciúmes violentos e perturbadores na vida íntima, não demorou muito para que fosse duplamente atingido. Lembrando a quebra da bolsa, que levou todo o dinheiro da família que estava imprudentemente aplicado em café, Eulálio comenta: “Dizem que desgraça atrai desgraça, e é bom que assim seja, os baques me seriam muito dolorosos se eu já não estivesse caído” (Ibid., p. 59). Faz referência à desapareção de Matilde que havia ocorrido pouco tempo antes. Perder a mulher, ambos na juventude (ela com dezessete anos), foi uma “lambada atroz” (Ibid., p. 10), depois da qual Eulálio não mais levantaria, como confirmam essas memórias em torno de seu centésimo aniversário.

Se a respeito de Matilde a memória de Eulálio apresenta uma “compulsão de repetição” que não encontra saciedade, do que falaremos na próxima seção, a respeito da morte do pai, ele consegue fazer um “trabalho de rememoração”³ positivo, que revela uma resposta que desobscurece o passado. Mas os efeitos dessa revelação são limitados e, principalmente, ela é fortuita; o que Eulálio procura vasculhando a memória é Matilde:

² Nota-se, por exemplo, no preconceito que guardava contra os “homens do norte” que cavaram sua subida mais pelo trabalho do que por pertencerem a tal ou qual família da aristocracia portuguesa (BUARQUE, 2009, p. 58).

³ Termos freudianos evocados por Ricoeur (2000, p. 85) e aproveitados aqui.

Somente hoje, oitenta anos passados, como um alarme na memória, como se fosse azul-celeste a cor de uma tragédia, reconheço na mulher o vestido rodado que meu pai comprou na véspera. (...) É decerto uma cena crucial, mas que naquela noite negligenciei (...). (BUARQUE, 2009, p. 87-88).

A prostração de Eulálio, aliada a uma inabilidade natural para os negócios, contribui decisivamente para a queda do nome da antes poderosa família até o ponto de Eulálio e a filha, já idosos, não terem mais nada, além de uma velha escrivanhinha barroca e algumas quinquilharias. Marilene Weinhardt, em um artigo sobre *Leite derramado* e o romance *Heranças* (2008) de Silviano Santiago, é talvez a crítica que melhor desenvolveu até o momento uma leitura comparativa entre a obra de Ricoeur sobre os artifícios da memória real e a ficcionalização destes em obras de nossa ficção memorialista recente. A seguinte passagem faz uma reflexão sobre a queda de Eulálio, cujas circunstâncias já estão colocadas:

(...) é por ter nascido de antiga linhagem, no momento em que este tipo de ascendência perde significado porque derruiu seu poder econômico, que sua tragicidade avulta. Tivesse aparecido alguém com as mesmas características em outro estágio daquele grupo social, e seria um excêntrico, talvez um marginal na família, mas não na sociedade, o clã garantiria o escudo. (WEINHARDT, 2012, p. 261).

Ricoeur sobre a multiplicidade e os graus variáveis das lembranças, pontua que “[a] memória é singular, como capacidade e como efetuação, as lembranças são plurais.” (RICOEUR, 2000, p. 27, tradução nossa)⁴, e não se furta de citar o que se diz maldosamente sobre as pessoas idosas: que teriam mais lembranças que os jovens, mas menos memória. Eulálio tem sua resposta:

Mas se com a idade a gente dá para repetir certas histórias, não é por demência senil, é porque certas histórias não param de acontecer em nós até o fim da vida. Já aqui bem ou mal recebo alguma atenção, não há passante que não afrouxe o

⁴ “La mémoire est au singulier, comme capacité et comme effectuation, les souvenirs sont au pluriel.” (RICOEUR, 2000, p. 27).

passo para me espiar, como a um desastre à beira da estrada. (BUARQUE, 2009, p. 184).

Nesse ponto, o leitor já se encontra no último capítulo. Eulálio está aos estertores, em estado de indignação, num corredor de hospital, aguardando a morte tardia, pois o tataraneto, traficante de narcóticos, não pôde continuar bancando seu plano de saúde após ser encarcerado pela polícia.

3. DO QUE SE TEM MEMÓRIA?

“É inútil me entupir de remédios (...) sem minha mulher não sei dormir.”
(BUARQUE, 2009, p. 107).

Ricoeur (2000), entre o caminho de passagem da questão “o que” para “de quem”, recorre à história das noções e das palavras para, aproveitando-se das diferenças de sentido entre as palavras gregas *mnēmē* (passivo, ter uma lembrança) e *anamnēsis* (ativo, evocar uma lembrança) pontuar que “[l]embrar-se é ter uma lembrança ou procurar por uma. Neste sentido, a questão “como?”, posta pela *anamnēsis*, tende a se desprender da questão “o que?”, mais estritamente posta pela *mnēmē*.” (RICOEUR, 2000, p. 04, tradução nossa).⁵ Se aqui se escolheu o caminho inverso ao de Ricoeur, apresentando primeiramente o narrador (*qui*) em benefício de um possível leitor que não tenha ainda tido contato com o romance *Leite derramado*, por outro, agora seguiremos mais de perto o filósofo francês, expandindo a busca da resposta à pergunta “do que se tem memória” também para a “como acontece a recordação”.

⁵ “Se souvenir, c’est avoir un souvenir ou se mettre en quête d’un souvenir. En ce sens, la question «comment ?» posée par l’anamnēsis tend à se détacher de la question «quoi?» plus strictement posée par la mnēmē.” (RICOEUR, 2000, p. 04).

Weinhardt (2012, p. 255) já pontuou que, em *Leite derramado*, trata-se mais de um narrador que *tem uma lembrança* do que de um que *busca uma lembrança*. A afirmativa é especialmente funcional no cotejo a que o artigo se propõe entre o romance de Buarque e *Heranças*, de Silviano Santiago (2008). O discurso de Eulálio é uma espécie de ladainha, sempre repisando as mesmas lembranças, as mesmas feridas, fastidioso, inexato. “Mas nem assim você me dá os remédios, você é meio desumana. Acho que nem é da enfermagem, nunca vi essa sua cara por aqui. Claro, você é minha filha que estava na contraluz, me dê um beijo” (BUARQUE, 2009, p. 10). Já em *Heranças*, trata-se de um discurso controlado, claro, medido — o narrador vai ao encontro de uma lembrança, quer reparar um ato do passado relacionado a ela, mas, caso tal reparo fosse possível, talvez repetisse o mesmo percurso.

Ricoeur (2000, p. 32), fundamentado em Aristóteles, desdobra o conceito de *mnēmē* (ter uma lembrança) em *évocation*⁶, oposto de *recherche*⁷. A “evocação”, por sua vez, desdobrada também numa “presença do ausente”, ajuda a compreender o caráter patológico da *mnēmē*. Essa presença do ausente, de acordo com Ricoeur (Ibid., p. 45-46), pode se apresentar como uma irrupção obsessiva, o que podemos aproximar, para a compreensão da memória ficcionalizada em *Leite derramado*, da afirmativa de Le Goff (1990, p. 426) de que “a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento”. Se Eulálio se tornou um homem calado e circunspecto depois de Matilde, a memória transbordou no fim da vida. Porém, esse transbordamento não significa necessariamente um novo e melhor exame dos fatos passados que resultasse talvez numa compreensão pacificadora.

⁶ 1. Action d'évoquer (les esprits, les démons) par la magie, l'occultisme. 2. Action de rappeler (une chose oubliée), de rendre présent à l'esprit. (REY, 2011, p. 554). “Evocação: 1. Ação de evocar (os espíritos, os demônios) pela magia, o ocultismo. 2. Ação de chamar de volta (uma coisa perdida), de tornar presente ao espírito.” (tradução do autor).

⁷ 1. Effort pour trouver (qqch.). 2. Effort de l'esprit vers la connaissance. (REY, 2011, p. 1205). “Procura: 1. Esforço para encontrar (algo). 2. Esforço do espírito em direção ao conhecimento.” (tradução do autor).

Segundo Le Goff (1990, p. 423), a memória é algo que se mostra nebuloso à compreensão. Eulálio tem uma lembrança, uma lembrança indigesta. A sensação, na leitura, é a de que o livro avança do passado para o presente aos volteios e que, em suas circunvoluções em torno do trauma da perda da esposa, nunca se alcança o centro. E é no ponto entre uma “compulsão de repetição” e uma “resistência”⁸ que se localiza a lembrança que dá título ao romance. Este título, como já assinalou Weinhardt (2012, p. 258), é menos a “metáfora desgastada” do que a cena emblemática na qual Eulálio encontra Matilde derramando sobre a pia seu leite materno que não podia dar à filha (BUARQUE, 2009, p. 136). A negação da amamentação seria uma prova de que o motivo da desaparecimento de Matilde seria mesmo o diagnóstico da tuberculose, de acordo com a medicina da época. Eulálio resiste em legitimar isso, de maneira que a cena, em poucas linhas, chega quase a passar despercebida no romance. Por não termos acesso à voz, percepções e angústias de Matilde, sempre obscurecida pela imagem leviana e quase vulgar que o narrador tinha da esposa, o porquê da decisão de ter se escondido do marido por conta da doença pode ser apenas inferido.

Mas lembrar-se de algo é também imaginar. Ricoeur (2000) fala de uma espécie de curto-circuito que existe entre memória e imaginação: “(...) se estas duas afecções são ligadas por contiguidade, evocar uma — por consequência, imaginar —, é evocar a outra, logo, lembrar-se. A memória, reduzida à evocação, opera assim dentro do rasto da imaginação.” (RICOEUR, 2000, p. 05, tradução nossa).⁹ É por essa relação contígua entre memória e imaginação que mesmo os discursos mais bem intencionados devem ser postos à prova. Eulálio é uma personagem especialmente imaginosa se atentarmos, por exemplo, para as diversas vezes em que foi acometido por um estado quase alucinatório causado pelo ciúme, tramando romances para a esposa supostamente

⁸ Termos freudianos evocados por Ricoeur (2000, p. 85).

⁹ “(...)si ce deux affections sont liées par contiguïté, évoquer l’une — donc imaginer —, c’est évoquer l’autre, donc s’en souvenir. La mémoire, réduite au rappel, opère ainsi dans le sillage de l’imagination.” (RICOEUR, 2000, p. 05).

infiel, mas à maneira de verdade (como em BUARQUE, 2009, p. 112-114), lembrando neste ponto personagens clássicas de nossa literatura como Bentinho e Paulo Honório.

Esse excesso de imaginação pode também desempenhar funções ainda menos nobres, como nas mentiras que inventa e reinventa para a filha a respeito da morte de Matilde quando Maria Eulália estava ainda lactante. Vê-se que as mentiras são antes para sua própria proteção do que para proteger a menina, por quem não demonstra grande afeto. Eulálio, autocentrado em sua perda, não percebe as perturbações que a desapareição cercada de mistérios da mãe também causou em Maria Eulália que, nas palavras do narrador, era “como uma coruja que saísse ao sol, sem entender direito o que se espera dela” (BUARQUE, 2009, p. 125). Aqui, novamente é possível relacionar Eulálio com Bento e Paulo Honório, agora em relação a seus desempenhos paternos. Capitu e Madalena também deram à luz um descendente desses narradores, os quais não tiveram mais sorte que Maria Eulália. Ezequiel e a mãe, Capitu, foram exilados na Europa por Bento quando este *sentiu* certeza de que Ezequiel seria filho de um amante. O filho de Paulo e Madalena não é nem mesmo nomeado no romance. Quase não se fala da criança. O próprio pai percebe que não sente carinho pelo menino (RAMOS, 1988, p. 188). Paulo Honório, enquanto narrador, é também autocentrado no sofrimento por ter duplamente perdido Madalena: perdido a companhia querida, mas também tê-la conduzido à perdição, ao suicídio. Sobre as manipulações da memória, Le Goff pontua que:

(...) os psicanalistas e os psicólogos insistiram, quer a propósito da recordação, quer a propósito do esquecimento (...) nas manipulações conscientes ou inconscientes que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição, a censura exercem sobre a memória individual. (LE GOFF, 1990, p. 426).

A memória de Eulálio, no que tange a Matilde, sempre foi um tanto manipulada, se pensarmos no caráter alucinatório de seus ciúmes. Se essa manipulação é mais ou menos consciente por parte do narrador, interessa pouco ao leitor que, de uma forma

ou outra, sem posicionar-se criticamente perante o narrado, poderá ser enganado ou confundido. Mas, de acordo com Ricoeur (2000): “Para o dizer brutalmente, nós não temos algo melhor que a memória para significar que alguma coisa teve lugar, aconteceu, se passou *antes* da lembrança que nós declaramos ter dela.” (RICOEUR, 2000, p. 26, tradução nossa).¹⁰ Ou seja, com a morte de Matilde e algumas outras circunstâncias agravantes, incluindo perda de registros documentais, temos pouco mais que o relato de Eulálio para acessar a sua história. O que é ainda mais irônico por se tratar de um romance memorialista cuja memória não é confiável.

4. CONCLUSÃO

“(...) Matilde, que quis sair da minha vida como desaparecem os gatos, com pudor de morrer à vista do seu dono.” (BUARQUE, 2009, p. 190).

D. F. Wallace, no texto *A aura da ironia*, que chegou a nós pela tradução de Sérgio Rodrigues (2010), considera a ironia um “velho e respeitável modo pelo qual os artistas tentam expor e detonar a hipocrisia”, mas que, no entanto, tende a perder a sua potência crítico-destrutiva se seu uso se estende no tempo. “Não é um recurso retórico que envelheça bem”, afirma. Isso porque Wallace (2010) considera a função da ironia “exclusivamente negativa” e tendo identificado, em torno dos anos 1970, o ponto alto da “negação crítica” na ficção, percebe que a ironia se mostrou “particularmente inútil quando se trata de construir alguma coisa para pôr no lugar das hipocrisias que expõe”. George Minois, munido de uma visão mais panorâmica do escárnio na sociedade, vê a ironia na contemporaneidade de uma maneira que, se não é menos pessimista, ao menos deixa brecha para que ela não seja totalmente

¹⁰ “Pour le dire brutalement, nous n’avons pas mieux que la mémoire pour signifier que quelque chose a eu lieu, est arrivé, s’est passé avant que nous déclarions nous en souvenir.” (RICOEUR, 2000, p. 26).

desacreditada, podendo até representar outras funções dentro da ficção que não a de uma ironia “rebelde e negativa”:

(...) é preciso um mínimo de espírito para apreciar o espírito, e aqueles que o têm já são convertidos; para os outros, o muro da estupidez constitui uma blindagem impermeável à ironia. Portanto, a ironia é para uso interno; ela mantém o bom humor, permite suportar a estupidez e absorver os golpes baixos da existência. (MINOIS, 2003, p. 435).

Leite derramado é um livro denso, de difícil penetração, o que mais ou menos se disfarça em sua superficialidade brincalhona, irônica, mas não ingênua, como sublinhou Schwarz (2009), um dos primeiros a exprimir opinião sobre o romance. Uma leitura ligeira pode deixar passarem despercebidas informações e acontecimentos cruciais para o entendimento do verdadeiro drama que a narrativa encoberta. “E vi respingos de leite nas bordas da pia, o ar cheirava a leite, vazava leite no vestido da sua mãe, nunca lhe contei esse episódio? Então não o leve em conta, nem tudo o que eu digo se escreve, você sabe que sou dado a devaneios” (BUARQUE, 2009, p. 136). A soma da dupla ironia do autor implícito, levando o narrador a confissões vexatórias para a classe decaída (ou decrépita), mas ainda viva, que ele representa, e a da própria narração brincalhona de Eulálio, do comportamento irônico de quem esconde uma mágoa desesperançada já da cura, contribui para a falta de clareza de algumas passagens. A escolha por um final não apaziguado também diz muito sobre o romance. Essa obra reflete, e faz refletir, sobre um passado violento do país, cujas consequências ainda podem ser sentidas.

Mas a ficcionalização de um narrador memorialista, explicitamente caduco e manipulador, em *Leite derramado*, também obriga a uma reflexão sobre o próprio discurso de memórias, seu papel na literatura e nosso atilamento crítico, enquanto leitores, diante desses discursos. Apesar de toda a palração, tem-se a forte impressão de que Eulálio termina a narrativa como a começou, ou seja, rememorar não significou reconsiderar seus atos e definitivamente não teria o efeito de recuperar Matilde senão

em imaginação. Sobre isso, Weinhardt (2012, p. 261) considera que “[a] despeito do valor atribuído à confissão no catolicismo, o perdão não é alcançado pela palavra tão somente”. Eulálio não se perdoa e não perdoa Matilde por tê-lo abandonado. Mas também não se enlutará por ela, pois admitir o luto seria admitir o reencontro impossível. Uma verdade que Eulálio não é capaz de enfrentar, mas que poderia ser um dos caminhos para sua reconciliação.

(...) vivia fechado comigo, me reservando para a grande revanche. Porque quando Matilde voltasse ao nosso chalé, o bairro inteiro ouviria os maxixes e sambas da sua vitrola. Levaria ela mesma a filha à praça, a amamentaria sentada no balanço, com o peito de fora daria bom-dia às babás e às mães, riria à toa. Na praia de Copacabana andaria ao meu lado para que todos a vissem de maiô, adúltera, vá lá, mas saudável e irrepreensível de corpo. Por isso toda a noite eu a esperava à janela do quarto, e Matilde não vinha, não vinha (...). (BUARQUE, 2009, p. 187).

No último capítulo de *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, intitulado “*Le pardon difficile*”, Ricoeur pondera que:

A hipótese de um perdão exercido de si para si mesmo traz um duplo problema; de uma parte, a dualidade de papéis do agressor e da vítima resiste a uma interiorização completa; apenas um outro pode perdoar, a vítima; de outra parte, e esta reserva é decisiva, a diferença de altura entre o perdão e a confissão da culpa não é mais reconhecido dentro de uma relação na qual a estrutura vertical é projetada sobre uma correlação horizontal. (RICOEUR, 2000, p. 621, tradução nossa).¹¹

A desaparecimento e provável morte de Matilde não permite a reconciliação, a compreensão e o perdão para Eulálio. A erupção da memória e da palavra ao fim da vida, após décadas de silenciosa inércia, é mais um sintoma da derrota da esperança do que a tradicional busca por um perdão e apaziguamento impossíveis. Desta forma,

¹¹ “L’hypothèse d’un pardon exercé de soi à soi-même fait doublement problème; d’une part, la dualité des rôles d’agresseur et de victime résiste à une entière intériorisation; seul un autre peut pardonner, la victime; d’autre part, et cette réserve est décisive, la différence de hauteur entre le pardon et l’aveu de la faute n’est plus reconnue dans une relation dont la structure verticale est projetée sur une corrélation horizontale.” (RICOEUR, 2000, p. 621).

é possível concluir que *Leite derramado* é obra de incontornável relevo e qualidade técnica para a discussão do subgênero romance memorialista, ainda que por conta das dimensões deste artigo tenha sido necessário ignorar tantas outras relações importantes que certamente encontrarão abrigo em produções futuras.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

BOOTH, Wayne Clayton. *The rhetoric of fiction*. Chicago: University of Chicago Press, 1975.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MINOIS, Georges. *A história do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

PERROT, Andrea Czarnobay. *Machado de Assis e a ironia: estilo e visão de mundo*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) — Departamento Estudos de Literatura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Éditions Points, 2000.

REY, Alain. (Coord.). *Le petit Robert micro: dictionnaire d'apprentissage de la langue française*. Paris: le Robert, 2011.

SANTIAGO, Silviano. *Heranças*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SCHWARZ, Roberto. "Brincalhão, mas não ingênuo" In: *Folha de S. Paulo Ilustrada*, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://goo.gl/IQOJIM>. Acesso em 05 jul. 2014.

_____. "Leituras em competição" In: *Novos Estudos*, no. 75, São Paulo: CEBRAP, 2006. In <http://goo.gl/j91axF>. Acesso em: 05 jul. 2014.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

WALLACE, David Foster. “A aura da ironia (I) (II) e (Final)” In: *Veja: Todoprosa*, 2010. Disponível em: <http://goo.gl/RLhNDv>, <http://goo.gl/6KvaXj> e <http://goo.gl/2DGPq9>. Acesso em: 05/07/2014.

WEINHARDT, Marilene. “A memória ficcionalizada em *Heranças e Leite Derramado*: rastros, apagamentos e negociações” In: *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, jul./dez. 2012.

Submetido em: 17/05/2015

Aceito em: 07/07/2015